

Ele era pai e mãe ao mesmo tempo e sabia que ia morrer. Mas este não era o seu medo.

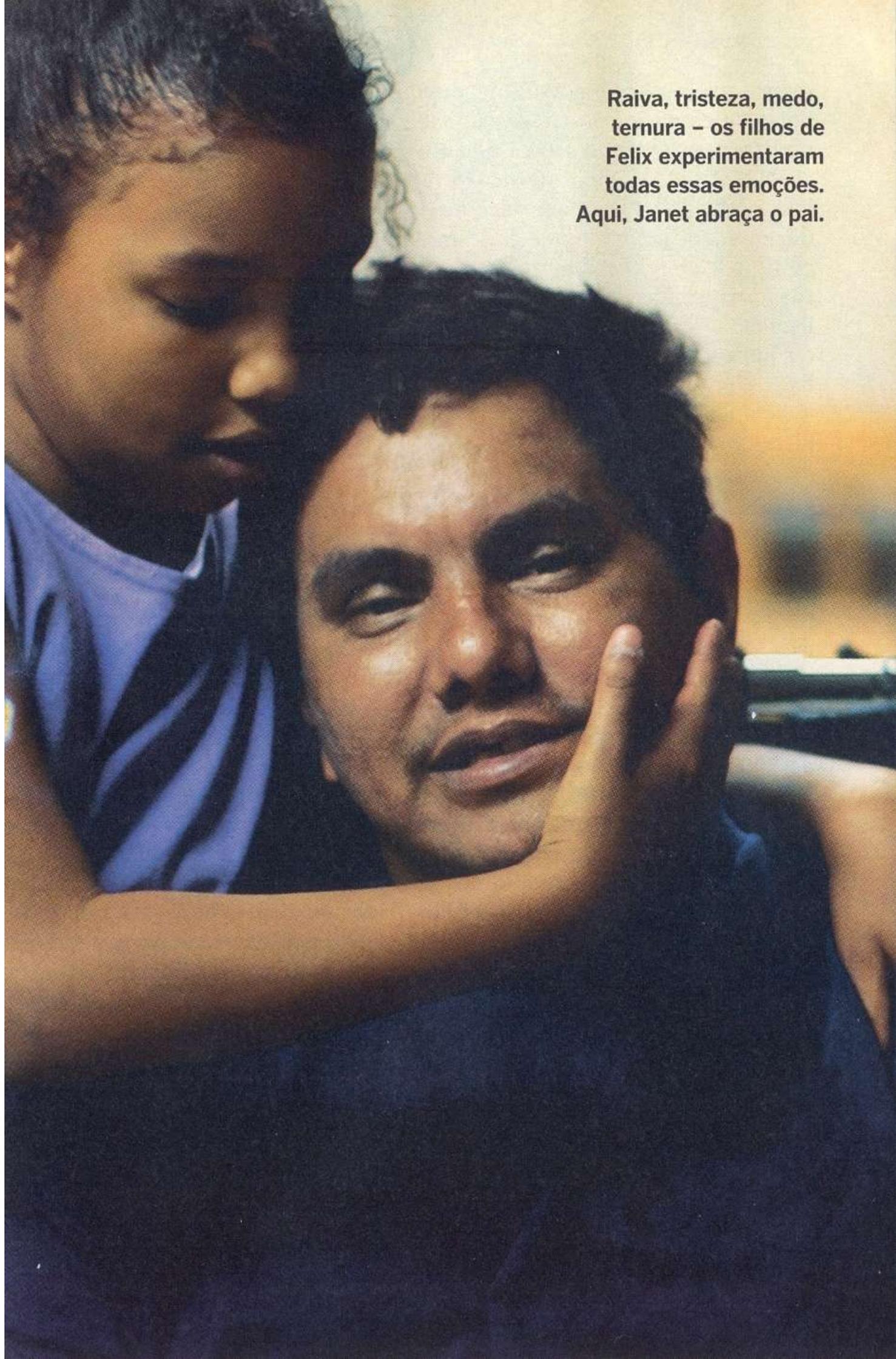
Quem vai ficar com os meus filhos?

POR HELEN O'NEILL

TODOS QUE freqüentavam o complexo de escritórios no cais do porto industrial de New Haven conheciam Felix Del Valle. Ele era o sujeito de sorriso permanente atrás do balcão do restaurante Clark's Dairy, sempre falando, brincando, saudando as moças: "E aí, lindona?"

Sob aquele bom humor escondia-se uma vida difícil. Ele havia crescido em uma instituição para menores abandonados em Nova York e conseguira estudar a duras

Raiva, tristeza, medo,
ternura – os filhos de
Felix experimentaram
todas essas emoções.
Aqui, Janet abraça o pai.



penas, graças à concessão de uma bolsa de estudos por sua habilidade no basquete. Quando seu casamento acabou, Felix se viu com quatro filhos para criar. Ele os amava, e faria qualquer coisa por eles – até mesmo, como fez, recolher latas vazias nas ruas para vender, de modo que nada lhes faltasse. Assim, conseguiu manter juntos Kyia, 10 anos, Janet, 9, Felix Jr., 7, e Crystal, 5.

Lori Burgess é administradora no escritório da Visiting Nurse Association, entidade que oferece serviços de *home care*, em New Haven. Ela só conhecia Felix do Clark's Dairy, mas se acostumara a ser recebida diariamente por ele com alegria. Naquele dia de outubro de 2001, percebeu que Felix estava diferente.

Quando perguntou o que havia de errado, a resposta que ouviu a deixou atordoada.

Na véspera, Felix tinha recebido dos médicos o diagnóstico de esclerose lateral amiotrófica – também conhecida como “doença de Lou Gehrig”, em referência ao jogador de beisebol americano que morreu desse tipo de esclerose em 1941, aos 38 anos. Isso queria dizer que os músculos de Felix sofreriam de fraqueza progressiva, até chegar à paralisia total. Em geral, as vítimas dessa doença sobrevivem de dois a cinco anos depois de feito o diagnóstico.

De início,
Felix não
entendeu o
que Lori
Burgess
queria. Ela
ia levar seus
filhos?

Mas a morte não era sua maior preocupação. Segundo disse a Lori, o que mais o assustava era pensar no que aconteceria às crianças. Não queria que fossem separadas e abandonadas à própria sorte, como acontecera com ele.

Naquela noite, Lori conversou com o marido, David, sobre Felix e os filhos. David, um pastor batista

que, para sustentar a família, dava aulas de música e dirigia um ônibus de turismo, disse o que a mulher esperava que ele dissesse: que deviam orar para que tudo se resolvesse. Mais tarde, eles reuniram os filhos – David Jr., 13 anos, Jelisa, 10, e Zachary, 4 – para uma conferência familiar.

– E se abrissemos nossa casa a essas

crianças e as tornássemos parte da família? – perguntaram.

A resposta veio de David Jr., em forma de outra pergunta:

– E se fosse nosso pai que estivesse morrendo e precisássemos de um lar?

NO DIA SEGUINTE, Lori chamou Felix para uma conversa. De início, ele não entendeu. Ela ia levar seus filhos? Todos? Quando? Ela nem mesmo os conhecia. Era inacreditável. Parecia a resposta a uma prece que nem tinha sido feita ainda. Por quê? “Eu sei que eles precisam de um lar”, Lori disse. “Que precisam permanecer juntos.”



Quando as pessoas ficaram sabendo da generosidade dos Burgess, choveram oferecimentos de ajuda. Igrejas, escolas e empresas arrecadaram fundos, abrindo uma conta bancária para os filhos de Felix e outra para comprar uma casa maior para os Burgess. E mais: alguém pagou para que Felix passasse uma semana na Disney com as crianças. Um professor de direito de Yale assumiu a parte jurídica, e elaborou um acordo determinando que, quando Felix não pudesse mais prescindir de serviços de enfermagem, a guarda de seus filhos passaria para os Burgess.

O primeiro encontro entre as crianças e os Burgess aconteceu em uma festa de Halloween. Kyia e Jelisa pareciam irmãs desde sempre, pren-

Mesmo com aparelhos nas pernas, Felix brincava, ria e dançava com os filhos, enquanto podia.

dendo os cabelos e pintando as unhas uma da outra, e planejando a decoração do quarto que iriam dividir. David Jr. levou o pequeno Felix até o jardim para uma aula de futebol.

As visitas se tornaram semanais – a casa dos Burgess era o oásis onde as crianças se aliviavam um pouco do destino de serem os filhos de um homem à beira da morte.

A PRIMAVERA de 2002 encontrou Felix em cadeira de rodas. Pernas e braços não obedeciam mais. Kyia era quem o levava de um lugar para outro e o barbeava. Como uma mãe,

dizia que ele precisava se alimentar, servindo-lhe pequenas porções de carne moída, que o pai ainda conseguia engolir. Quando o via deprimido, ela dançava para fazê-lo rir. E aprendeu a imitar a assinatura do pai, para receber o cheque do benefício que garantia o pagamento das contas da casa.

Felix Jr. era um filho carinhoso, sempre cobrindo o pai de beijos. Crystal era jovem demais para entender o que acontecia, mas bastava seu sorrisinho para animar Felix. E havia Janet – a revoltada Janet, perdida em confusão e medo. Aos 9 anos, não sabia ainda controlar as emoções. Às vezes, seu rosto se fechava e ela gritava: “Por que você não morre de uma vez?!” Felix sabia que a filha agia assim por medo do futuro. “Eu me preocupo com todos”, dizia. “Mais ainda com Janet.”

O DIA DOS PAIS de 2002 foi especial na casa dos Del Valle. Kyia, Janet e Crystal vestiram roupas de cores claras, o pequeno Felix usou um terno especial. O pai foi levado em sua cadeira de rodas até a igreja católica de Saint Martin de Porres. Naquele dia, as crianças foram batizadas e cada uma ganhou padrinho e madrinha. Felix estava fazendo tudo o que podia para formar um círculo de proteção em torno delas.

No verão, a sensação de cansaço de Felix era cada vez mais intensa. As pernas pareciam feitas de pedra. Os braços tremiam incontrolavelmente. Respirar era um sacrifício. Pela primeira vez, ele admitiu sentir medo.

Em meados de julho, Janet fez uma cena terrível, fugindo completamente ao controle. Em um ataque de fúria, gritou, chorou, atirou objetos em Kyia. Ofegante, respirando com dificuldade, Felix fez algo que

tinha jurado jamais fazer: pediu a Kyia que ligasse para um número de emergência que lhe tinham dado.

“Não posso mais cuidar dela”, ele soluçou ao telefone. “Vocês têm de vir buscá-la.” Algumas horas mais tarde, assistentes sociais levaram Janet para a unidade psiquiátrica infantil do Hospital of Saint Raphael, em New Haven.

Kyia
abraçou
David e
perguntou
o que ia
acontecer
quando o pai
morresse.

No INÍCIO de setembro de 2002, Felix já mal conseguia falar; a doença agora atacava-lhe os pulmões. Segundo os médicos, logo ele precisaria ser alimentado por meio de um tubo. Seu estado piorava.

Em 20 de setembro, o Departamento de Crianças e Famílias, órgão estadual responsável pelo bem-estar de menores e suas famílias, pegou as crianças na saída da escola e as levou para se despedir do pai. E dali, em definitivo, para a casa dos Burgess.

AS PRIMEIRAS SEMANAS foram de confusão e novidade para todas as crianças, que se instalaram na nova casa em Hamden, Connecticut, comprada com as doações recebidas. As tentativas dos filhos de Felix de encontrar seu lugar no novo ambiente doméstico foram cheias de tensão. E os filhos dos Burgess procuraram lidar da melhor forma possível com a realidade de ter de dividir os pais, a casa e a vida com três outras crianças. “Essa mãe é minha, não é sua!”, Zachary protestou quando Crystal pulou no colo de Lori. Os mais velhos não fizeram comentários, mas muitas vezes devem ter sentido o mesmo.

Kyia, cuja vida até então girava em torno dos cuidados com o pai, sentia-se perdida numa casa onde tudo o que se esperava dela era que tirasse boas notas e ajudasse a lavar a louça. Além disso, não gostava da estratégia de disciplina dos Burgess: quando uma criança se comportava mal, era convocada uma reunião com toda a família. Ela custou a se ajustar. Um dia, porém, entrou no escritório de David e despejou todos os medos que sentia. O que aconteceria quando o pai morresse? O que seria do corpo e do espírito dele?

Enquanto fazia em silêncio uma prece pedindo inspiração, David Burgess envolveu-a nos braços e disse: “O espírito do seu pai vai permanecer. Ele vai estar sempre cuidando de você.”

FELIX ESTAVA decepcionado. O Estado tinha decidido que, quando Janet



Os Burgess (em sentido horário, a partir do alto, à direita): David; Zachary; Crystal; Felix Jr. e Kyia abraçada por Lori; Courtney, um amigo; Jelisa e David Jr.

finalmente fosse liberada, seria enviada a uma instituição em Hartford – longe do irmão e das irmãs.

No dia 10 de outubro, Felix foi visitar pela primeira vez a casa nova dos Burgess. As crianças se jogaram em seus braços. Crystal correu para mostrar os chinelos estalando de novos. Kyia apresentou sua dança engraçada. Sentado em sua cadeira de rodas naquela casa barulhenta e acolhedora, com pessoas tão amorosas, ele estava mudo e emocionado. “Agora sei que as crianças estão no

lugar certo”, disse ao amigo que o levou para casa.

E JANET? Em março, quando foi removido para uma instituição onde receberia cuidados especiais, Felix ainda se agarrava à esperança de que Janet pudesse reunir-se aos irmãos. Para os assistentes sociais, porém, estava claro que o movimentado lar dos Burgess não era lugar para ela. Janet faria cenas, gritaria, provocaria brigas, fugiria.

Então, outro milagre aconteceu. Andrea Gay, técnica em cirurgia de 42 anos, com os filhos já criados, ouviu falar dele e dos filhos e quis conhecê-los. E caiu de amores por Janet. “Ela é como eu: difícil por fora, mas emotiva e vulnerável por dentro.” Andrea disse a Felix que queria adotar a menina. Ela morava perto dos Burgess e prometeu que não a afastaria dos irmãos. “Meu plano não era esse”, disse Felix mais tarde. “Mas talvez fosse o plano de Deus.”

A ÚLTIMA VEZ que as crianças viram o pai foi em 2 de junho de 2003. Elas se reuniram à cabeceira dele para comemorar o sétimo aniversário de Crystal. Os braços e pernas de Felix estavam atrofiados, as faces encova-

das. Ele não conseguia mais falar. No entanto, ainda demonstrava lampejos do velho bom humor, fingindo morder a mão da enfermeira que lhe levou à boca um pedaço de bolo.

Morreu uma semana depois.

O FUNERAL ocorreu num dia chuvoso, véspera do Dia dos Pais. Os cânticos ecoaram com vigor e alegria.

As pessoas lembraram o homem extraordinário que fizera o máximo com o pouco que tinha, um pai cuja determinação, primeiro em manter a família unida e depois em deixá-la partir, tinha sido heróica. Elas choraram ao ver como pareciam tranquilos os filhos de Felix: Kyia, muito elegante no vestido azul-marinho, segurava a mão de David Burgess; Crystal, de mãos dadas com Lori, parecia um anjo no vestido de veludo vermelho; o pequeno Felix, ao lado do irmão mais velho, David. E Janet compareceu com Andrea, sua nova mãe.

Kyia e Janet colocaram rosas no caixão do pai; Felix, um boné de beisebol dos Yankees; e Crystal, seu velho ursinho de pelúcia. Um a um, deram em Felix um beijo de despedida. E se foram, com as famílias afetuosas que tinham encontrado.

ANÚNCIOS QUE GOSTARÍAMOS DE VER



Para a seção de automóveis importados:
BMW OKM - Apenas 5 mil reais. Direto de Paraguay. Documentación completa, mas aconselho trocar la placa. Não és preciso nueta fiscal. La garantía soy yo. Tel.: 1-171-171-17.